

A perfeita neocolônia

Via [Viento Sur](#)

Nas primeiras horas da quarta-feira 7, um comando paramilitar entrou na casa do presidente haitiano Jovenel Moïse em Porto Príncipe e o matou a tiros. Sua esposa foi gravemente ferida. O Primeiro Ministro Claude Joseph, que estava saindo do governo (Moïse havia nomeado um substituto para ele na segunda-feira), decretou o estado de emergência e trouxe as forças armadas para as ruas. As investigações ainda não tinham começado quando começaram a circular relatos de que os atacantes falavam espanhol, com alguns sugerindo que eram venezuelanos (obviamente Chavistas) e colombianos (obviamente “das ex-FARC [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia]”). Na quarta-feira de manhã, o presidente colombiano Iván Duque pediu a intervenção da Organização dos Estados Americanos (OEA), cujo Conselho Permanente foi convocado à noite. Trata-se de um assassinato intolerável, disse ele. Em alguns países europeus e nos Estados Unidos, a possibilidade de enviar tropas de volta ao Haiti começou a ser discutida, o que recriaria a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (Minustah), que foi mantida entre 2004 e 2017. Nas declarações de alguns líderes, a homenagem a Moïse foi além da memória de uma vítima de assassinato: houve aqueles que elogiaram sua administração. Haiti um país ingovernável, o Haiti um país menor que não pode se virar sozinho sem um pai para cuidar dele: os lugares comuns de todos estes anos para justificar a militarização, a sucessão de governos corruptos, a fome e a miséria como males naturais de uma sociedade atrasada, a presença imperial – mais ou menos aberta, mais ou menos desleal, conforme o caso – veio à tona mais uma vez. Eles já foram ouvidos tantas vezes antes.

Pode não ser conhecido por anos, pode nunca se saber como

Moïse realmente morreu, disse Danny Shaw, um ativista americano que vive em Porto Príncipe há vários meses, à Telesur na quarta-feira. O governante assassinado tinha tantos inimigos que os tiros poderiam ter vindo de quase qualquer lugar. Exceto do campo popular. Porque se há setores que não estão nada interessados em um cenário como o que provavelmente se desdobrará, com um possível retorno da Minustah ou uma missão de intervenção equivalente, agora ou no futuro próximo, são aqueles que realmente querem mudar as coisas. Não há luto nas ruas, porque Moïse foi direta e indiretamente responsável por dezenas de assassinatos, por cerca de 12 massacres coletivos em bairros populares nos últimos quatro anos, porque ele foi cúmplice da mais rançosa oligarquia haitiana e das gangues, que estão crescendo como cogumelos (ver Estado mafioso, Brecha, 26-II-21), porque ele governou como um ditador; mas também não há alegria, porque sua queda, nestas condições, está longe de significar a queda do sistema do qual ele fazia parte. Se ao menos houvesse um Wikileaks para esclarecer como esta execução foi planejada, disse Shaw, e ele lembrou que não é incomum que os ditadores se tornem desconfortáveis por serem pouco representativos, como aconteceu 60 anos atrás na vizinha República Dominicana com Rafael Trujillo, assassinado porque um liberal era mais conveniente do que uma besta incontrolável. E depois há as gangues, e há o tráfico de drogas.

No dia anterior ao assassinato de Moïse, Brecha entrevistou Henry Boisrolin, coordenador do Comitê Haiti Democratique, que está sediado na Argentina há anos. A ideia era falar sobre o que estava acontecendo em seu país, tão silenciado, tão calado, tão pouco presente na mídia, tão miserável. Tinha havido uma cadeia de assassinatos, mais um: 19 pessoas mortas a tiros no meio da rua na noite de 29-30 de junho, entre elas o jornalista Diego Charles e a ativista feminista Antoinette Duclaire; foi impressionante que este foi o enésimo massacre

de líderes sociais em muito pouco tempo e que mal chegou a ser notícia; falou-se da ação aberta de quadrilhas armadas unificadas em um comando liderado por um ex-policial que se apresentou como um “revolucionário”, que controlava bairros inteiros de Porto Príncipe, extorquiu dinheiro dos pobres e dos ricos e causou deslocamentos da população: O que foi isso? A notícia não foi a única; na segunda-feira 5, Moïse nomeou um novo primeiro-ministro, o oitavo desde que tomou posse em 2017, um político ligado à oposição liberal, o que deu uma ideia da extensão do declínio do governo; a notícia mal registrou as manifestações de rua, algumas muito grandes, que vinham acontecendo dia após dia há vários meses... Muita conversa. Boisrolin começou por colocá-los em contexto.

“É preciso contextualizar para não nos perdermos em meio a tanto assassinato, tanto crime, tanta miséria, porque quando falamos do Haiti é para falar sobre ele e perdemos o fio”, disse ele. Ele disse que a crise que o Haiti está passando é uma crise ininterrupta, um filme em câmera lenta sobre o colapso do sistema de dominação, um sistema que começou a funcionar após a primeira ocupação militar dos EUA em 1915. Desde então, o país se tornou uma neocolônia perfeita e a mais empobrecida das Américas. Hoje, este sistema está em fase de decomposição e os detentores do poder querem reformulá-lo, com um tipo diferente de ordem jurídica e política, para dar mais poder ao Executivo e enfraquecer o Parlamento. A Constituição que foi elaborada secretamente pelo governo, que deveria ser submetida a um plebiscito em setembro, vai nesse sentido, mas vale muito pouco para as pessoas comuns, disse Boisrolin, assim como as eleições presidenciais e legislativas pediram para o mesmo dia que o plebiscito constitucional, valem muito pouco (“Não é que eles sejam ineptos, eles são perversos: eles estão realizando a eleição do próximo parlamento, que será composto de duas câmaras, ao mesmo tempo em que um plebiscito sobre uma Constituição que abole uma dessas duas câmaras, o senado. Parece absurdo, mas mostra como eles realmente se importam pouco com a democracia a que afirmam aderir).

Como todas as eleições que foram realizadas recentemente, as eleições deste ano, se forem realizadas, serão marcadas por fraude. Qualquer candidato do campo popular que se apresentar pode vencê-los se forem realizados de boa fé, acredita Boisrolin. “Mas os setores dominantes não vão deixar que isso aconteça. A única eleição verdadeiramente livre realizada no país após a queda da ditadura de Duvalier foi ganha por um representante do campo popular, o padre Jean Bertrand Aristide, em 1990. Ele venceu de maneira esmagadora, mas foi derrubado em um golpe de Estado patrocinado pelos EUA.

Que eleição séria pode ser realizada nas condições atuais, em que as pessoas não irão votar, como não foram votar no passado e em eleições anteriores, porque não têm certeza de que os resultados serão respeitados, porque em uma economia de subsistência como a do Haiti, em uma sociedade tão brutalmente piramidal como a do Haiti, perdeu todo o sentido colocar um pequeno voto nas urnas? “Hoje em meu país há 6 milhões de pessoas sofrendo de fome severa, 70% da população ativa está desempregada, e a expectativa de vida é inferior a 60 anos”, diz Boisrolin. E assinala que, para entender a crise estrutural haitiana, sua posição geopolítica deve ser levada em conta: “Está no centro do Caribe, na rota marítima para a Venezuela, é o país mais próximo de Cuba e, se desde a Doutrina Monroe Washington considera toda a América Latina como seu quintal, o Caribe é seu primeiro quintal. É aqui que circulam mercadorias importantes para eles. Eles não podem permitir que o Haiti se desestabilize demais, eles devem manter o status quo de qualquer forma que possam, se necessário sacrificando líderes políticos, não importa quão funcionais eles tenham sido”.

Jovenel Moïse se foi. Mas deixou de ser?

Talvez. Hoje em dia, há uma luta interna entre os setores dominantes. Há um setor de negócios que depende diretamente dos Estados Unidos. Há 11, 12 famílias que controlam o poder e que apoiaram Moïse, que era um grande empresário bananeiro. E

há um setor que ainda tem muito pouco peso que está fazendo um esforço para elevar o nível de desenvolvimento deste capitalismo tão especial. Eles também têm relações com o império, mas visam um funcionamento institucional mais apresentável, com um certo respeito pela legalidade, algo que os últimos governos não tiveram. Moïse havia governado por decreto por um ano, depois de dissolver o parlamento. Sua gestão foi escandalosa sob todos os pontos de vista. Na segunda-feira, ele liberou todos os políticos que haviam sido processados em casos de corrupção, com o objetivo de permitir que alguns deles se candidatassem nas próximas eleições. Ela só foi mantida com base nesta corrupção e, acima de tudo, na repressão. Quando, após um aumento de combustível [preço] em 2018, enormes manifestações populares irromperam, a repressão se intensificou. O governo alternou entre assassinatos seletivos e não seletivos. Recorreu a massacres coletivos: 12 em quatro anos, com dezenas de mortos. E visava quebrar a espinha dorsal do movimento popular. Isso é o que aqueles que vierem depois dele continuarão a visar.

E, é claro, o executivo foi mantido pelo apoio dos poderes, que, embora não tivessem mais ninguém, o apoiaram, lhe deram dinheiro, o cobriram. Desde a saída da Minustah, o Cogroup está em funcionamento, formado por representantes dos Estados Unidos, Canadá, França, Espanha, Brasil, OEA, ONU [Nações Unidas] e União Europeia. É o verdadeiro governo, e obviamente está sob o controle de Washington.

O Cogroup tem conhecimento das violações dos direitos humanos cometidas pelo governo Moïse, assim como a Minustah sabia das atrocidades cometidas pelas administrações anteriores. Recentemente, Moïse chamou Luis Almagro, o Secretário Geral da OEA, para pedir seu apoio. Ele foi assolado por manifestações populares, o aumento do crime o estava dominando, os sequestros por resgate eram generalizados, as gangues estavam se aglomerando, algumas delas o incomodavam, e ele queria seu apoio. Almagro enviou uma missão, que produziu um longo

relatório que não mencionava sequer a repressão política. A OEA propôs uma solução política que consiste em um governo de unidade nacional com Moïse e, institucionalmente, exigiu apenas uma mudança na composição do Conselho Eleitoral, no qual Moïse havia colocado amigos seus. Menos que uma mudança cosmética. A oposição a rejeitou.

Quem encarna a oposição hoje?

Existem três setores principais: as forças democráticas de direita, as forças social-democratas e a esquerda, que há alguns anos finalmente iniciaram um processo de confluência na Frente Patriótica e Popular, formada por sete partidos que se definem como socialistas, movimentos sociais, direitos humanos e feministas. Há um consenso entre o setor social-democrata e a esquerda para avançar em direção a um governo que chamamos de governo transitório de ruptura, no qual todos os setores da oposição estariam presentes, todos eles, e no qual nenhum dos governantes atuais faria parte. Tal governo funcionaria por cerca de dois anos, estaria encarregado de estabelecer uma nova institucionalidade, afirmar a soberania nacional, promover reformas sociais, julgar crimes contra a humanidade e escândalos de corrupção da atual administração, restabelecer as relações com todos os países, incluindo a Venezuela, convocar uma Assembleia Constituinte e, em seguida, convocar eleições gerais. Não há ninguém em posição de liderar este processo sozinho, ele exigirá toda a oposição atual e teremos que ser criativos para fazer o caminho em direção a uma sociedade mais justa. Eles não devem nos humilhar tanto quanto estão fazendo agora. Isso é o essencial.

Boisrolin diz que se as manifestações de rua têm sido tão numerosas desde 2018, é porque há um substrato de rebelião no povo que nem a repressão, nem a fome, nem a pandemia (o que é mais uma praga em um país exposto a todas elas?) têm conseguido subjugar. Ele pensa que existe uma longa tradição

de luta neste país, que liderou a única revolta anti-escravidão bem sucedida da história, e que, apesar de todas as dificuldades, muito resta dessa tradição. E que agora “há um maior grau de organização no campo popular” do que há algum tempo atrás. Ele diz que não é à toa que o terrorismo de Estado atingiu o paroxismo que atingiu sob Moïse e que isto exigirá que os “setores populares aumentem seu nível de autodefesa”. “Os esforços de todos os governos recentes para disciplinar o povo falharam”, diz Boisrolin, mas ele enfatiza que isso não significa que eles estejam perto do sucesso. “A situação atual é altamente explosiva e é muito difícil prever onde ela irá evoluir. A oposição está dividida sobre o que fazer. Alguns estão apostando em uma revolta popular, outros querem negociar uma mudança moderada com os EUA. Se eu tivesse que apostar, eu diria que estamos perto de uma explosão geral. Não sei quem a liderará, mas as condições estão criadas.